

ASPECTOS DA INDÚSTRIA PRÉ-COLONIAL DO OESTE PARANAENSE: UMA ANÁLISE DO MATERIAL DO SÍTIO SAPUCAIA 4 (IGUATU, PR, BRASIL)

ASPECTS OF THE PRE-COLONIAL LITHIC INDUSTRY IN WESTERN PARANÁ: AN ANALYSIS OF MATERIAL FROM SÍTIO SAPUCAIA 4 (IGUATU, PR, BRAZIL)

Jardel Stenio de Araujo Barbosa¹
Paula Rocha Marino de Araujo²
Ânderson Marcelo Schmitt³

RESUMO: O presente artigo analisa o material lítico resgatado no Sítio Arqueológico Sapucaia 4, localizado no município de Iguatu, na divisa com os municípios de Braganey e Corbélia, no estado do Paraná. A coleção consiste em 373 peças, desde lascas até ferramentas, sendo que a maioria do material foi encontrado em superfície. A partir da análise estilística das peças, se buscou relacionar as suas características com dados referentes à tecnologia lítica presente na literatura acerca da ocupação humana pretérita da região. Conclui-se que apesar de não ser possível precisar à qual tradição lítica o material pertence, as peças podem ser testemunhas de reocupações humanas de grupos diversos, ou que o referido sítio tenha sido ocupado por um mesmo grupo, mas tenha desempenhado uma funcionalidade específica.

Palavras-chave: Arqueologia pré-colonial. Humaitá. Indústria Lítica. Paraná. Umbu.

2577

ABSTRACT: This article analyzes the lithic material recovered at the Archaeological Site Sapucaia 4, located in the municipality of Iguatu, on the border with the municipalities of Braganey and Corbélia, in the state of Paraná. The collection consists of 373 pieces, from chips to tools, with the majority of the material found on the surface. From the stylistic analysis of the pieces, an attempt is made to relate their characteristics with data relating to lithic technology present in the literature about past human occupation of the region. We concluded that, although it is not possible to specify which lithic tradition the material belongs to, the pieces may be witnesses of human reoccupation by different groups, or that the aforementioned site was occupied by the same group, but performed a specific function.

Keywords: Pre-colonial Archeology. Humaitá. Lithic Industry. Paraná. Umbu.

¹Doutorando em Patrimônio, Tecnologia e Território (Especialidade em Arqueologia) - Universidade Autónoma de Lisboa (UAL/PT). Mestre em Ciência e Tecnologia Marinha - UNEATLANTICO (Cantábria, Espanha). Bacharel em Arqueologia e Especialista em Arqueologia Náutica e Subaquática (IPT/PT). Pós-Graduado em Análise de Ambientes Aquáticos e Continentais (UNIARA). Coordenador de pesquisa científica da Arqueológica e Membro do Centro de Geociências da Universidade de Coimbra (CGEO). Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1184-9037>.

²Bacharel em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Estadual de Maringá - PR/BR Pós-Graduação em Arqueologia (Clareatino) Pós-Graduação em Geoprocessamento e Análise Ambiental (UFPA) Sócio Gestora da Arqueológica - Consultoria Arqueológica Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5678-0622>.

³Doutor em História pela Universidade Federal de Santa Catarina, (UFSC). É graduado e mestre em História pela Universidade de Passo Fundo (UPF). Tem experiência na área da arqueologia em estudos arqueológicos preventivos.

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo apresentar e analisar o material arqueológico coletado no Sítio Arqueológico Sapucaia 4, localizado no município de Iguatu, no estado do Paraná, que foi identificado e delimitado pelas equipes de trabalho que participaram da pesquisa do Programa de Gestão do Patrimônio Arqueológico vinculado à Central Geradora Hidrelétrica (CGH) Ouro Verde (Processo nº 01508.000236/2018-35), a ser construída no Rio Sapucaia. Os trabalhos de salvamento do referido sítio ocorreram entre 11 e 15 de fevereiro de 2023, e resultaram em um interessante conjunto lítico que auxilia na contextualização pré-colonial da região do Terceiro Planalto Paranaense ou, como também conhecido em termos históricos, dos Campos de Guarapuava. Assim, o presente artigo colhe os frutos dos trabalhos de licenciamento arqueológico regulados pela legislação brasileira, e que vem auxiliando na construção de acervos arqueológicos que preservam o patrimônio e servem de subsídios para a escrita da história nacional pré-contato a partir de conjunturas regionais.

O Sítio Sapucaia 4 está localizado sobre a coordenada central UTM 22J 284425 E / 7261789 S, dentro da Área Diretamente Afetada (ADA) pelo empreendimento da CGH Ouro Verde. No contexto deste empreendimento, outros dois sítios arqueológicos às margens do Rio Sapucaia (Sapucaia 1 e 3) passaram por trabalho de salvamento, os quais serão abordados oportunamente neste artigo para termos comparativos ao Sítio Sapucaia 4.

2578

Figura 1: Localização do Sítio Sapucaia 4



Fonte: Relatório Parcial, 2023, p. 12

Este artigo está dividido em três partes. Na primeira será feita uma contextualização histórica da ocupação da região em que se encontra o Sítio Sapucaia 4, a partir de dados arqueológicos e históricos; em um segundo momento será apresentada a característica do material encontrado durante a atividade de campo; por fim, os dados das peças recolhidas serão analisados e apresentados de forma a permitir inseri-los na conjuntura de ocupação territorial pré-colonial do território do atual estado do Paraná.

A região que conforma o atual estado do Paraná foi espaço de migração para vários grupos nos tempos pré-coloniais. Por volta de 12.000 anos atrás, grupos migrantes iniciaram a ocupação do território, que apresentava clima subtemperado e em cujas matas havia grande disponibilidade ambiental em relação à fauna (LINO, 2016, p. 94). Em termos de cultura material, estes grupos desempenhavam trabalhos relacionados à indústria lítica, produzindo ferramentas que, para alguns especialistas, podem ser classificados em tradições Umbu e Humaitá, as quais serão melhor descritas no decorrer deste artigo. Provavelmente pertencem a estes grupos de caçadores-coletores os sítios arqueológicos mais antigos encontrados no estado do Paraná, relacionados à tradição Umbu e que datam de cerca de 10.000 anos atrás, localizados no vale do baixo Rio Iguaçu e no médio Rio Tibagi (PARELLADA, 2007, p. 164), para além dos sambaquis do litoral, que datam da mesma época.

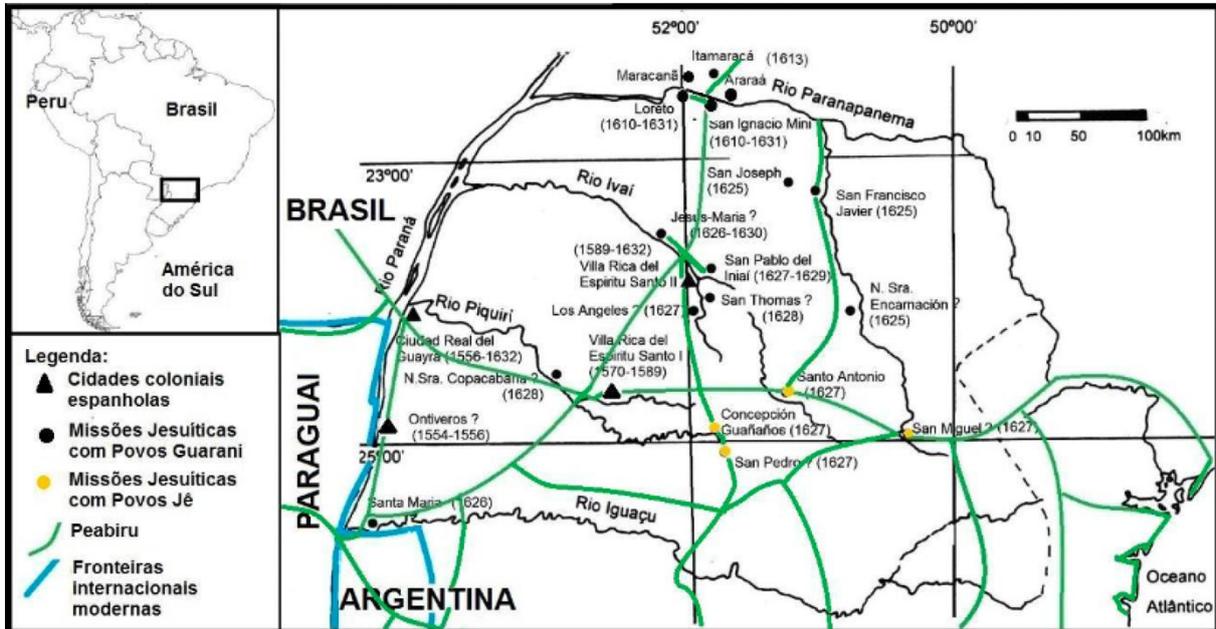
2579

Uma segunda grande leva migratória ocorreu com os grupos horticultores ceramistas, que migraram inicialmente para as terras altas do Brasil meridional, se mesclando ou entrando em atrito com os grupos que já ocupavam o território. Os primeiros foram os integrantes do grupo linguístico Macro-Jê, que a cerca de 2.500 anos migraram da região central do atual Brasil, dando origem aos atuais caingangues e xoklengues (LINO, 2016, p. 98). Este grupo foi associado à tradição ceramista Taquara, e antecedeu um segundo grupo horticultor e ceramista, os falantes da matriz linguística Tupi-guarani, atuais guaranis do Sul do Brasil, que chegaram à região por volta de 2.000 anos atrás (VICROSKI, 2011, p. 98), e se estenderam pelos vales dos rios, criando as povoações de Guairá, até as proximidades do litoral, possivelmente entrando em contato com os antigos povos sambaquieiros.

Estes grupos utilizaram de caminhos que ligavam longas distâncias no continente. Os peabirus eram trilhas que promoviam a locomoção, conflitos e sociabilidades entre os grupos originários. Formada por vários ramais a partir de uma via principal que partia das imediações de onde seria construída a vila de São Vicente, em São Paulo, o caminho passava pelo atual estado do Paraná e países vizinhos, como Argentina, Paraguai, Bolívia e Peru, até se cruzar

com os caminhos incas nos Andes e chegar ao Oceano Pacífico. Estes caminhos foram utilizados pelos colonizadores ibéricos a partir do século XVI (PARELLADA, 2021, p. 277).

Figura 2: Localização dos prováveis traçados de alguns ramos do Peabiru



Fonte: PARELLADA, 2021, p. 278.

A presença dos grupos autóctones do tronco Tupi-guarani e Macro-Jê no atual território paranaense foi percebida pelos viajantes europeus desde a primeira metade do século XVI (LAZARETTI, 2023, p. 47), marcando o início de um processo de conflitos e também de alianças e trocas culturais, mas que acabou por subjugar o modo de vida indígena em prol da cultura europeia. A violência das relações étnicas na região perpassou vários séculos de colonização, durante os quais os atores sociais ligados aos colonizadores agiam com ou sem a autorização das coroas lusitanas. Ainda no século XIX ficava evidente o caráter violento das ações lusitanas contra os grupos indígenas dos Campos de Guarapuava, quando o rei português mandou que se fizesse guerra justa contra os indígenas que habitavam “os Campos Gerais de Curitiba e os de Guarapuava, assim como todos os terrenos que deságuam no Paraná e formam do outro lado as cabeceiras do Uruguai, todos compreendidos nos limites dessa Capitania e infestado pelos índios denominados bugres” (Apud SOUZA, 2012, p. 33), o que resultou em ações armadas que forçaram o desalojamento de vários grupos indígenas e no incremento do estabelecimento de fazendas na região (SOUZA, 2012, p. 53, 122).

O longo processo de povoamento e despovoamento indígena na região centro-oeste do atual estado do Paraná deixou vestígios de sua cultura material que vem sendo acessados, em

grande medida, pelos salvamentos arqueológicos realizados por equipes especializadas e com a devida autorização do IPHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). Nos municípios diretamente relacionados ao Sítio Sapucaia 4 – Iguatu e os adjacentes Corbélia e Braganey – oito sítios foram registrados, como observado na tabela abaixo.

Tabela 1: Sítios Arqueológicos em Iguatu, Corbélia e Braganey.

Município	Nome do Sítio	Características
Corbélia	Tourinho	Sítio lito-cerâmico a céu aberto. Tradição Itararé.
Corbélia	Rancho Mundo	Sítio lítico a céu aberto. Tradição Humaitá.
Iguatu	Iguatu 3	Sítio lítico a céu aberto.
Iguatu	Iguatu 2	Sítio lítico a céu aberto.
Iguatu	Iguatu 1	Sítio lito-cerâmico a céu aberto.
Iguatu	Sapucaia 1	Sítio lítico a céu aberto.
Braganey	Sapucaia 2	Sítio lítico a céu aberto.
Braganey	Sapucaia 3	Sítio lítico a céu aberto.

Fonte: SICG/IPHAN. Acesso em 7 fev. 2024.

Passemos, agora, a tratar do material arqueológico encontrado no Sítio Sapucaia 4.

MÉTODOS

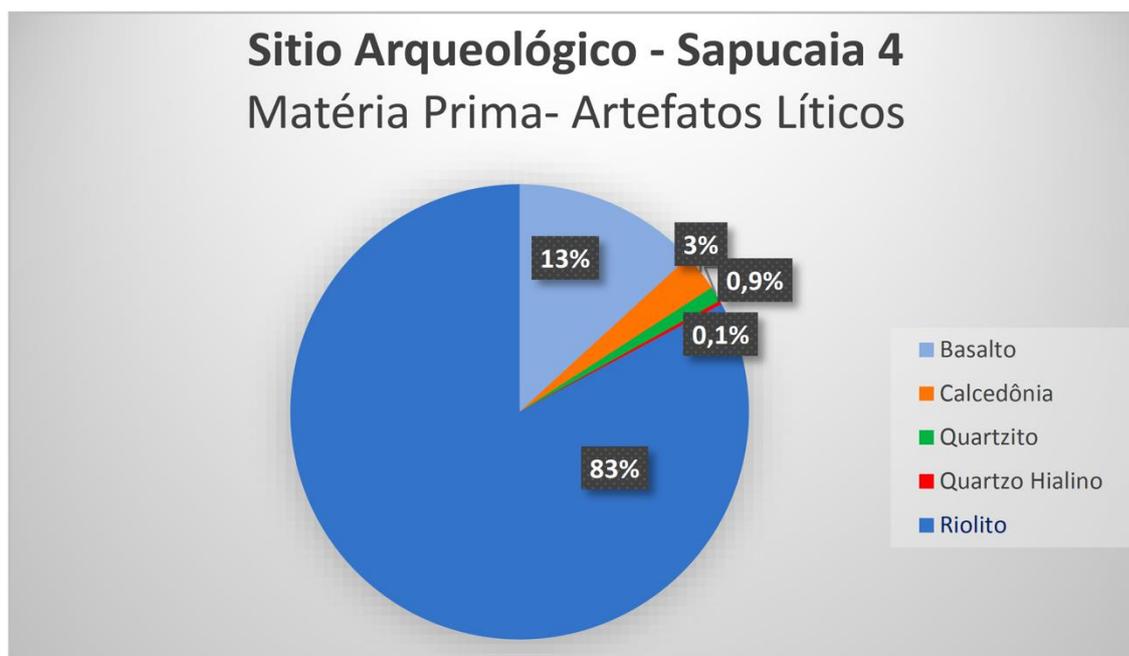
O material lítico oriundo do Sítio Arqueológico Sapucaia 4 contabilizou um total de 373 peças, provenientes de diferentes áreas do sítio, distribuídos em 10 áreas de Concentração de Superfície (CSUPs) e 10 Unidades de Escavação (UEs) 1x1 m. Sendo assim, o pacote arqueológico predominante foi o de superfície, com total de 312 peças. Após, a segunda maior frequência arqueológica foi em sub superfície no nível 1 (0-10 cm), com 59 peças, e por fim os níveis 2 e 3 (10-20 e 20-30 cm) com uma peça em cada nível citado. Caracterizando-se um sítio arqueológico predominantemente com uma indústria lítica de pedra lascada.

Um ponto importante para interpretação da ocorrência de peças líticas é a observação de sua distribuição cronológica no sítio, de modo a delinear o período de ocupação desta

indústria lítica, onde a maioria encontra-se em superfície e nos níveis iniciais de subsuperfície, podendo ocorrer interferências antrópicas ou climáticas, degradando ou dispersando o contexto originário do referido sítio pesquisado, e levando à perda de informações pretéritas.

O conjunto arqueológico do Sítio Sapucaia 4 possui peças líticas de diferentes tipos de matéria-prima, mas tendo o riolito como principal mineral utilizado para a atividade de lascamento, sendo esta matéria-prima identificada em 83% da coleção. Este predomínio de uma matéria-prima pode indicar não somente a abundância do material na área, mas também pode estar associada à determinada intenção na fabricação de um instrumento, onde os critérios físicos da rocha influenciam diretamente no produto final (Costa, 2016). Os demais minerais utilizados e registrados apresentam frequência baixa, sendo eles: basalto, com 13%; calcedônia 3%; quartzito 0,9%; e quartzo hialino 0,1%, como pode ser observado no gráfico abaixo.

Figura 3: Matéria-prima das peças líticas do Sítio Sapucaia 4



Fonte: Relatório, Autores, 2023.

Segundo Feiden, o riolito, que é a principal matéria prima das peças resgatadas,

[...] é derivado de um vulcanismo de tipo fissural da Formação Serra Geral do Eocretáceo (115 a 140 milhões de anos), em geral representada por derrames basálticos. Pode corresponder a uma fácies de derrame superior, associada à uma zona de desgaseificação superficial das lavas em resfriamento rápido, com aspecto vesicular e escoriáceo e coloração avermelhada decorrente de oxidação e pequenas alterações (FEIDEN et. al., 2014, p. 11).

Ou seja, essa variedade de rocha vulcânica extrusiva apresenta composição ácida e presença de muita sílica. A predominância do riolito como a principal matéria-prima utilizada

no lascamento no sítio arqueológico está associada à escassez de outras matérias-primas na região. Também devemos considerar os demais minerais encontrados no âmbito da cadeia operatória, levando em consideração a função dos instrumentos líticos pretendidos na manufatura, porém a maioria das peças salvas são lascas descartadas para a confecção de artefato. Pode-se afirmar que os artefatos com maior relevância são os manufaturados em riolito, devido a discrepância numérica em relação aos demais minerais, e que seguem a mesma lógica da quantidade total de material lítico no sítio.



Figura 4: Lítico em riolito (SP-025).



Figura 5: Lítico em riolito (SP-142)

Figura 6: Lítico em basalto 346 (TM-17)



Figura 7: Lítico em calcedônia (SP-343)

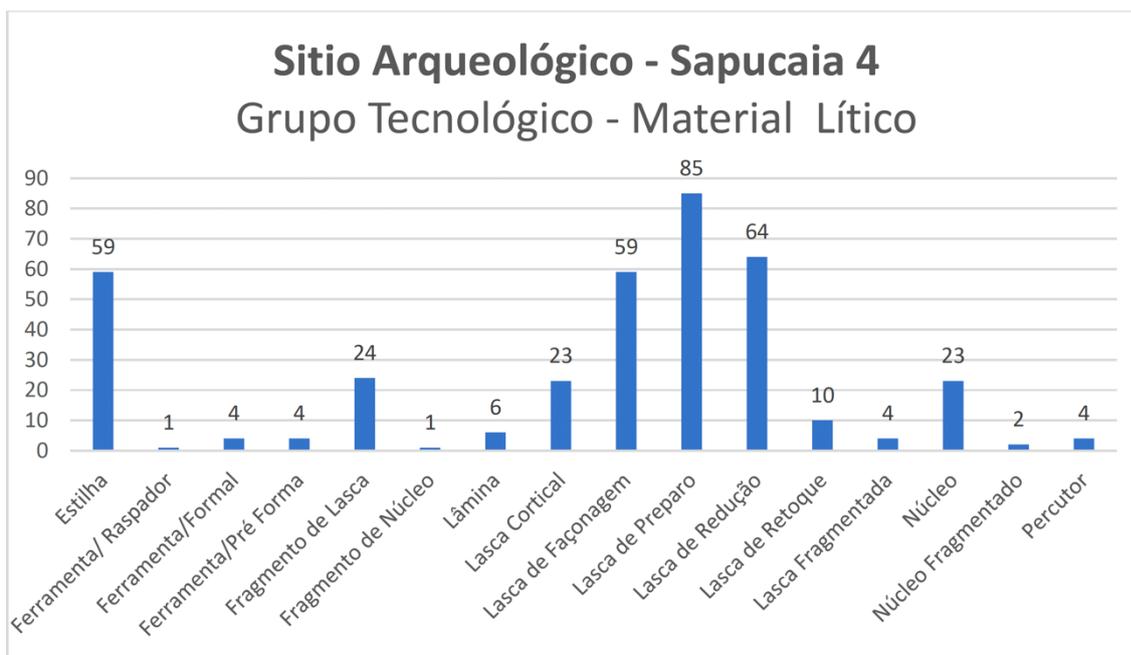


Fonte: Autores, 2023.

Na análise também se buscou caracterizar formalmente os vestígios líticos pelas características tecnológicas gerais. Observando as formas básicas da indústria percebemos que as lascas são predominantes e os núcleos apresentam boa frequência, sejam eles íntegros ou fragmentados. Destacamos também a presença de percutores, o que corrobora com a ideia de

que os lascamentos na área do sítio foram produzidos na busca de produção de artefatos, deixando como evidência da atividade de talha a grande quantidade de lascas, estilhas e as ferramentas produzidas, sendo elas formais e inacabadas.

Figura 8: Percentual das peças líticas por grupo tecnológico



Fonte: autores, 2023.

Com isso, verificamos todo o processo de lascamento desde as primeiras retiradas nas lascas corticais e de redução, seguindo para as lascas preparadas, de façongagem e retoques, além das estilhas. Ao que parece, havia uma grande preocupação com o produto final, já que as lascas são muito bem elaboradas, evidenciadas nos percentuais de 23% nas lascas de preparo, 16% das lascas de façongagem e 3% das lascas de retoque, processo final da talha. Constatamos uma boa frequência de núcleos, totalizando 6% das peças coletadas, e ressaltamos que os mesmos foram retirados de blocos rochosos e seixos.

Ainda tratando sobre as lacunas referentes aos processos de obtenção das lascas, foram examinadas as características dos talões existentes nas lascas, a fim de esclarecer a estratégia de redução empregada pelo grupo responsável por essa indústria lítica. Sendo assim, o talão indica a morfologia da plataforma de impacto, preparada ou não, para retirada da lasca. Desta maneira, o talão pode ser de tipo cortical, formatado, diedro, liso, linear, puntiforme ou ausente. Em 107 peças não foi identificada presença de talão, mas é possível considerar a realização de uma percussão leve ou branda; em 125 peças, o talão estava totalmente ausente; em 102 peças

predominou talão liso; seguido por 22 peças com talão cortical; 17 peças com talão linear, sendo que possivelmente nesses tipos de talão a percussão é mais dura.

Por sua vez, as ferramentas ocorreram com baixa frequência, mas elucidam bem o processo industrial do sítio, onde foram recuperadas 5 peças formais, com destaque aos planos convexos “lesmas” e raspadores, além de mais 4 peças inacabadas, 6 lâminas não utilizadas para confecção das ferramentas, e 4 percutores confeccionados sobre seixos. Assim, foi evidenciado todo o processo de cadeia operatória.

Figura 9: Raspador (SP-322).



Figura 10: Ferramenta inacabada (SP-193).



Figura 11: Núcleo de seixo (SP-11)



Figura 12: Lâmina (SP-222)



Fonte: Autores, 2023.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Considera-se que a grande presença de lascas indica que o Sítio Sapucaia 4 representa um local em que funcionou toda a cadeia de manufatura de um artefato, pois encontramos

desde as primeiras lascas de descortçamento e redução até as mais bem confeccionadas para processo final do artefato, neste caso, as de preparo, façonagem e retoque.

A cadeia operatória, segundo o conceito de Leroi-Gourhan (1988) é todo o conjunto de ações efetuadas desde a coleta da matéria-prima rochosa in natura até o seu abandono, após passar por todas as fases de lascamento (talha) ou debitagem, façonagem, uso e/ou retoque, reavivamento, tornando possível caracterizar a que tipo de tradição as peças se vinculam (GALHARDO *et. al.*, 2015). Os dados apresentados pelo Sítio Sapucaia 4 não permitem, como veremos em seguida, precisar a qual tradição arqueológica da indústria lítica este sítio está exclusivamente vinculado, sendo provável que tenha sofrido interferência de diferentes grupos com características materiais particulares.

Para a região em estudo, a literatura arqueológica indica a presença de pequenos grupos de caçadores-coletores equipados com ferramentas resultantes do lascamento de pedras, e classificados tradicionalmente em duas tradições arqueológicas, Umbu e Humaitá. A tradição Umbu é caracterizada pela presença de pontas de projétil e bolas de boleadeiras confeccionados em pedra. Esses instrumentos de caça são encontrados geralmente junto a vestígios de fauna. O grupo utilizava como alimento alguns animais como o veado-campeiro, o porco-do-mato, o tatu-mulita, preás, lagartos, peixes, moluscos, entre outros. Quanto aos vestígios vegetais, foram encontrados coquinhos de jerivá e de butiá. Mas sabe-se que utilizavam frutos variados, raízes e vegetais obtidos do ambiente (SCHMITZ, 1984). Nessa tradição, a produção de artefatos é um ponto importante a ser mencionado, pois produziam grande número de objetos com ossos de animais, tais como furadores, retocadores, espátulas, anzóis, agulhas, adornos como pingentes de dentes de mamíferos e contas de colares de conchas de moluscos. Entre os instrumentos de pedras estão ainda quebradores de frutos, talhadores, lâminas de machado polidas, cuja matéria-prima essencial eram seixos, calcedônia, basalto, quartzo, quartzito, diorito, arenito e demais rochas semelhantes. As técnicas empregadas para a confecção dos instrumentos variavam entre o lascamento, o polimento, o picoteamento e a percussão (SCHMITZ, 1984).

Por sua vez, os sítios relacionados à Tradição Humaitá são abundantes nos vales dos rios cobertos por floresta tropical semiúmida do interior e subtropical do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, mas são esparsos em áreas de floresta subtropical de araucária do Planalto Brasileiro. São também encontrados na Argentina e no Paraguai (SCHMITZ, 2006). Ainda segundo Schmitz (2006), artefatos líticos, principalmente grandes enxós,

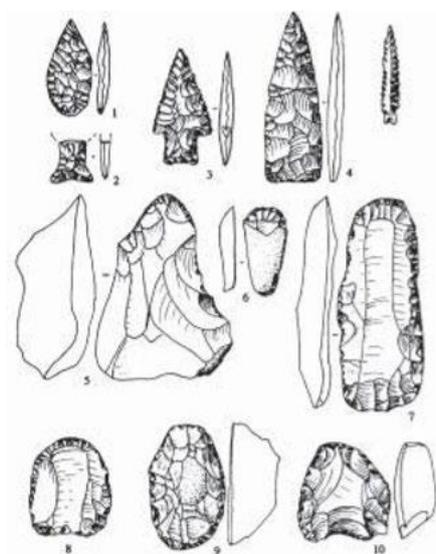
raspadores, talhadores e cunhas lascadas, picões, facas e furadores, confeccionados em arenito silicificado, basalto, sílex, quartzo e calcedônia, são comuns nos sítios da Tradição Humaitá.

Diante destes conceitos dos grupos pré-coloniais citados acima, a indústria lítica do Sítio Sapucaia 4 aponta o emprego do lascamento bipolar para limpeza de parte dos núcleos coletados ou avaliação de performance de matéria-prima, sendo algumas dessas lascas aproveitadas em função de raspagem em uma ou mais extremidades ou laterais para funções de raspagem, as quais podiam ser empregadas em atividades de descarte de caça, raspagem da gordura de peles, ou mesmo acabamento de trabalhos em madeira.

Por outro lado, a técnica de percussão unipolar estaria intimamente ligada a processos de façonagem, ao julgar por lascas esguias e curvilíneas, contendo negativos e nervuras nas faces externas, certamente correlacionadas à cuidadosa elaboração de artefatos formais e lascas de retoques escamados, e sugerem uma ocupação de grupos caçadores-coletores da Tradição Umbu, cujo aspecto estilístico dialoga com a Fase Pottinga descrita para o Médio Iguaçu, cuja datação estaria em torno de 3000 anos (CHMYZ, 1969, p. 108, estampa 24; 1976, 243).

Diante deste pressuposto, podemos comparar as ferramentas formais “lesmas/raspadores”, coletadas no sítio, com imagens abordadas em pesquisas anteriores sobre esses grupos pretéritos.

Figura 13: Artefatos líticos da tradição Umbu (Segundo Chmyz, coord., Projeto Arqueológico Itaipu).



Fonte: PROUS, 1992.

Figura 14: Ferramenta com retoque em uma de suas laterais (SP-355).



Figura 15: Ferramenta “Lesma” com retoque bem refinado (SP-323).



Figura 16: Ferramenta Raspador (SP-154).



Figura 17: Ferramenta formal Raspador (SP-271).



Fonte: Autores, 2023.

Segundo Prous (1992), os sítios arqueológicos da tradição Umbu apresentam artefatos líticos produzidos com lascas cuidadosamente retocadas, dando origem a objetos de pequenas dimensões, dos quais se destacam as pontas de projéteis de tamanhos e formas variados. Além das pontas, destacam-se as lascas, raspadores, furadores e percutores, talhadores, buris, grandes bifaces, lâminas polidas de machado, polidores e picões (PARELLADA, 2007).

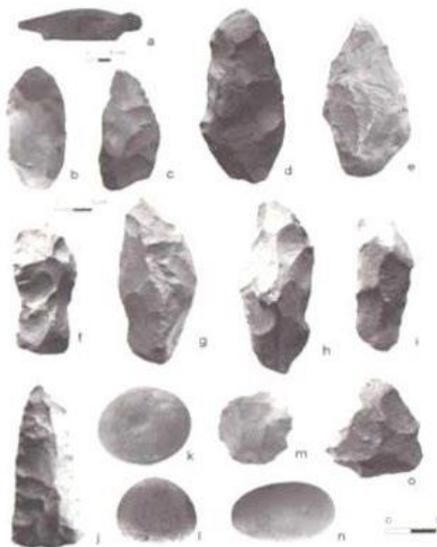
No Paraná, seus sítios ocorrem na Serra do Mar, no litoral e nos vales dos rios Tibagi, Ribeira, Iguaçu, Ivaí, Itararé e Paranapanema. A inserção ambiental de seus sítios se dá geralmente em áreas altas, com destaque na paisagem, como topos de morro e colinas, podendo ocupar ocasionalmente áreas próximas a córregos e rios (PARELLADA, 2007). Há registros arqueológicos de sua ocupação em dois tipos de habitação: a céu aberto e em abrigos sob rocha (cavidade na rocha cuja abertura geralmente é maior que a profundidade) (NOELLI, 1999).

Embora muitos sítios dessa tradição já tenham sido registrados, não são numerosos os que foram submetidos a processos de datação. O sítio Céu Azul, em São José dos Pinhais, foi datado entre 3.705 ± 130 e 755 ± 60 anos BP, enquanto dois sítios cadastrados por Chmyz no projeto UHE Rosana-Taquaruçu foram datados com 8.115 ± 80 anos BP e 6.715 ± 135 anos (PARELLADA, 2008).

Consideramos ainda no contexto do estado paranaense, que os sítios Humaitá se concentram nos vales dos rios Paranapanema, Ivaí, Tibagi e Paraná, em áreas que possuíam cobertura florestal, tratando-se de antigos acampamentos com habitações temporárias, geralmente localizadas em espaços abertos, e próximos a cursos d'água. Sendo sua cultura material caracterizada “pela concentração de instrumentos grandes em pedra, muitos feitos com seixos e blocos, se destacando talhadores, enxós, raspadores e furadores, associados a muitas lascas” (PARELLADA, 2007, p. 165). Prous (1992) apresenta como característica e diagnóstico dessa tradição os artefatos produzidos sobre blocos ou seixos, resultando em ferramentas com formas mais encorpadas, obtidas através da percussão direta, inexistindo as pontas de projétil.

Com isso, ressaltamos algumas ferramentas que apresentam características pertencentes à tradição pretérita Humaitá, que foram encontradas durante as atividades de pesquisa e análise das peças resgatadas no sítio Sapucaia 4, conforme ilustrado nas figuras abaixo.

Figura 18: Exemplo de material lítico da Tradição Humaitá. a: zoólito (perfil); b-j: talhadores; k: batedor-triturador com depressão esférica polida; l, n: batedores-trituradores; m, o: raspadores.



Fonte: Mentz Ribeiro, 1999.

Figura 19: Ferramenta Bruta (SP-367).



Figura 20: Ferramenta Talhador (SP-371).



Figura 21: Ferramenta/Talhador inacabado (SP-152).



Figura 22: Ferramenta Raspador (SP-194).



Fonte: Autores, 2023.

Consideramos ainda, neste sítio, a presença de algumas lascas unipolares, a despeito de se associarem a um processo de façonagem, onde não apresentam o mesmo refinamento comum às indústrias líticas de Tradição Umbu. Com isso, este sítio poderia ser um acampamento lítico de grupos agricultores-ceramistas, os quais, para a região do médio Rio Iguaçu, especificamente na área e imediações do município de União da Vitória-PR, são associados à Tradição Taquara-Itararé, documentadas com o Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA), à época classificadas de acordo com as fases Açungui, Candói, Catanduva e Casa de Pedra (CHMYZ, 1969), etno-historicamente correlacionadas a grupos indígenas de tronco Macro-Jê, conhecidos por caingangue ou xokleng no Sul do Brasil.

Com isso, após a análise das peças recuperadas do sítio arqueológico Sapucaia 4 e o levantamento dos elementos citados acima, não conseguimos afirmar com clareza a qual grupo

pretérito pertence a referida coleção. O sítio apresenta alguns elementos que podemos relacionar com grupos caçadores-coletores Umbu, pois a talha de algumas lascas possui técnica bem apurada e encontramos ferramentas formais “lesmas” que são características deste grupo. Contudo, também identificamos ferramentas mais brutas e lascas com menos refino de talha, consideradas características da tradição pré-colonial Humaitá e grupos indígenas de tronco Macro-Jê.

A fim de conclusão, podemos levantar duas hipóteses sobre esta ocupação pretérita do referido sítio. A primeira hipótese diz respeito a que, como aponta Noelli (1999), a Tradição Humaitá se diferencia em poucos aspectos da Tradição Umbu, de modo que alguns pesquisadores sugeriram que as diferenças, ao invés de representarem populações distintas, seriam frutos de diferenças em termos de funcionalidade dos sítios, uma vez que ocuparam espaços geográficos semelhantes, com os mesmos tipos de sítios. Foram utilizados para alicerçar as distinções entre as duas tradições, basicamente: a oposição ponta de projétil (Umbu) x grandes artefatos bifaciais (Humaitá); e as diferenças relativas aos ambientes de inserção dos sítios, com predomínio de ambientes campestres para a Tradição Umbu e preponderância de florestas para a Tradição Humaitá.

A segunda hipótese se refere à possibilidade de que possa ter ocorrido um processo de reocupação do perímetro do Sítio Sapucaia 4 por diferentes grupos, por considerarmos o local favorável em termos paisagísticos e geográficos para ocupação humana, estando distante cerca de 200 metros de uma cachoeira. Além desse fator, as peças coletadas foram misturadas durante o processo de supressão vegetal do perímetro das obras da CGH Ouro Verde, pois o referido sítio foi registrado durante a etapa de monitoramento arqueológico, quando o solo já estava parcialmente revolvido.

É importante ainda para a caracterização do material encontrado, que ele seja avaliado em seu contexto imediato. Para isso, deve ser levado em conta um comparativo com os resultados dos resgates dos Sítios Sapucaia 1 e 3, realizados pela empresa Espaço Arqueologia (2020), que coincidem por estarem próximos às margens do mesmo rio, e por serem sítios líticos a céu aberto com frequência dos vestígios culturais em superfície.

Como resultado das atividades de resgate arqueológico realizadas sobre o Sítio Sapucaia 1, foram resgatadas 12 peças, compostas por material lítico, sendo todas provenientes da coleta de superfície. De modo similar, nas atividades de resgate arqueológico do Sítio Sapucaia 3, foram resgatadas 10 peças líticas, todas também coletadas em superfície (Espaço Arqueologia,

2020). O relatório final da Espaço Arqueologia aponta abordagens semelhantes entre os sítios Sapucaia 1 e 3 e o estudo em tela acerca do sítio Sapucaia 4, em relação à matéria-prima e à provável confecção e utilização das peças coletadas, sendo que

[...] os artefatos foram confeccionados em rochas condizentes com as condições geográficas da região, que são propícias para o processo de lascamento. Os seixos foram coletados provavelmente dos leitos dos rios, como do rio Sapucaia. Outro ponto importante é que a tecnologia de lascamento tem como base o uso da percussão direta dura, cujos vestígios arqueológicos são compostos por percutores (geralmente seixos), núcleos (sobras do material bruto, que são debitados para produzir lascas compridas), lascas e instrumentos facionados. Tudo isso leva a conclusões relacionadas à tecnofuncionalidade do material, como característica de mobiliário próprio para aplicação na caça (Espaço Arqueologia, 2021).

Ainda se comparou sítios encontrados na área da PCH Fazenda do Salto, no município de Anahy/PR. Os sítios encontrados neste município limítrofe apresentaram cerâmicas, o que não ocorreu nos sítios Sapucaia 1, 3 e 4, com a identificação de elementos materiais oriundos de hibridismo cultural, demonstrados por meio da relação entre os grupos portadores das tradições Taquara/Itararé e Tupiguarani. Nesta área houve a identificação do fenômeno da reocupação humana, que se constatou em 2 (dois) sítios. Isso decorreu da análise do material lítico encontrado, que revelou ter sofrido o processo de novo lascamento, indicando ter sido reaproveitado (reciclado ou reativado), feito por alguém que havia chegado posteriormente na área que já tinha sido ocupada (Espaço Arqueologia, 2021). Tal situação demonstra que provavelmente a área em estudo foi densamente ocupada por grupos humanos em diferentes épocas. Tal situação corrobora com a tese levantada na análise dos vestígios culturais do Sítio Sapucaia 4, segunda a qual consideramos haver indícios de um processo de reocupação de grupos humanos em diferentes épocas.

Nesse contexto, acreditamos ser possível a existência de situações em que há regiões que testemunhem a presença de uma cultura material híbrida, perfazendo questionamentos sobre os estudos já realizados em sítios de outras áreas, no sentido de ampliar as possibilidades de se pensar os contatos entre grupos de tradições e culturas diferentes, aspectos até então pouco evidenciados no meio arqueológico.

Por fim, no montante dos vestígios culturais resgatados no Sítio Arqueológico Sapucaia 4, nas diferentes etapas de pesquisa, sendo elas de Avaliação de Impacto, Acompanhamento Arqueológico e na etapa de Salvamento, não havia nenhum material associado, como por exemplo, material orgânico, passível de datações arqueológicas por radiocarbono ou outras. Desta forma, não é possível a realização deste tipo de datação neste sítio.

A respeito da filiação cultural ao qual o sítio pertence, as discussões apresentadas acima demonstraram que o conjunto material não indica com clareza a sua associação a determinado grupo. No entanto, para fins de classificações, podemos destacar como um sítio multicomponencial com reocupação de grupos pré-coloniais Umbu, Humaitá e Macro-Jê, conhecidos por caingangues ou xoklengues no Sul do Brasil.

CONCLUSÃO

Ao final deste artigo, esperamos que tenha sido evidenciada a complexidade da ocupação humana pretérita da atual região Sul do Brasil, a partir de uma das faces da sua cultura material. Obviamente, não se pretendeu aqui ser abordada a materialidade dos povos pré-coloniais que ocuparam todo o território sul-brasileiro, nem ao menos de todo o estado do Paraná, mas sim, apenas de uma região específica, inserindo-a em uma conjuntura material já abordada em outras pesquisas.

Mais do que apresentar conclusões categóricas acerca do material encontrado no Sítio Sapucaia 4, se optou pela apresentação dos dados e das características do material e a inseri-los em seu contexto, sugerindo que as características do material lítico podem estar associadas a funções específicas deste sítio, que teria surgido das ações de um mesmo grupo, mesmo que apresente característica tanto da tradição Umbu quanto da Humaitá. A outra possibilidade, como visto, é a de que os povos que habitaram a área construíram uma cultura material híbrida, que durante um longo período de tempo elaboraram a sua indústria lítica com características predominantemente próprias e reocuparam um local estratégico para a obtenção de recursos.

2593

REFERÊNCIAS

ARQUEOLOGÍSTICA. **Programa de Gestão do Patrimônio Arqueológico**. Relatório Parcial de Salvamento Arqueológico – Sapucaia 4. Maringá, 2023.

ARQUEOLOGÍSTICA. Programa de Gestão do Patrimônio Arqueológico. Relatório Final de Salvamento Arqueológico – Sapucaia 4. Maringá, 2023.

ESPAÇO ARQUEOLOGIA. **Programa de Gestão do Patrimônio Arqueológico na Área de Implantação da CGH Ouro Verde, Municípios de Braganey, Corbélia e Iguatu / PR**. Relatório Final de Pesquisa Arqueológica. Tubarão: Espaço Arqueologia, 2021.

ESPAÇO ARQUEOLOGIA. **Relatório do Programa de Gestão do Patrimônio Arqueológico na área de implantação da PCH Fazenda do Salto, município de Anahy/PR**. Tubarão: Espaço Arqueologia, 2021.

ESPAÇO ARQUEOLOGIA. Programa de Gestão do Patrimônio Arqueológico na Área de Implantação da CGH Ouro Verde, Municípios de Braganey, Corbélia e Iguatu/PR. Relatório Parcial de Pesquisa Arqueológica. Tubarão: Espaço Arqueologia, 2020.

CHMYZ, I. Nota prévia sobre o sítio PR PG 1: abrigo sob rocha Cambiju. **Estudos Brasileiros**, Curitiba, n. 2, 1976.

CHMYZ, I. Terminologia arqueológica brasileira para a cerâmica. **Manuais de Arqueologia II**, Curitiba: CEPA/UFPR, 1969.

FEIDEN, A. (Coord. Ger.). **Plano da Bacia Hidrográfica do Paraná 3 - Características Gerais da Bacia (Produto 1)**. Cascavel: Unioeste – Itaipu Binacional – Águas Paraná – Paraná 3, 2014.

GALHARDO, D. A. et. al. O conceito antropológico de cadeia operatória, sua aplicação e contribuição no estudo de artefatos líticos arqueológicos. **Cadernos do LEPAARQ**, Vol. XII, Nº 23, Pelotas, 2015.

LAZARETTI, N. G. **Análise da indústria do sítio floresta das imbuias em relação ao contexto arqueológico do Primeiro Planalto Paranaense**. Mestrado (Dissertação em Antropologia e Arqueologia) – Curitiba, Programa de Pós-Graduação em Antropologia e Arqueologia/UFPR, 2023.

LEROI-GOURHAN, A. **Dicionário de Pré-história**. (Sem local). 1988.

LINO, J. T. O povoamento indígena no Sul do Brasil: as contribuições da arqueologia e da história. In: RADIN, J. C. et. al. (Orgs.) **História da Fronteira Sul**. Chapecó: Ed. UFFS, 2016.

2594

MENTZ RIBEIRO, P. A. A Tradição Taquara e as casas subterrâneas no sul do Brasil. **Revista de Arqueologia Americana**, pp. 9-49, 1999.

MORO, R. S.; GUIMARÃES, G. B. (Orgs.). **Patrimônio Natural dos Campos Gerais do Paraná**. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2007.

NOELLI, F. S. A ocupação humana na região sul do Brasil: arqueologia, debates e perspectivas-1872-2000. **Revista USP**, n. 44, pp. 218-269, 1999.

PARELLADA, C. I. A arqueologia dos Campos Gerais, em: Melo, M. S. de; PARELLADA, C. I. In: **Arqueologia do Peabiru: entrelaçando caminhos e conflitos**. Habitus, v. 19, n. 2, 2021.

PARELLADA, C. I. Arqueologia dos Campos Gerais. In: MELO, M. S. de; MORO R. S.; GUIMARÃES, G. B. (Org.). **Patrimônio natural dos Campos Gerais**. 1ed. Ponta Grossa: Editora UEPG, v. 1, p. 163-170, 2007.

PARELLADA, C. I. Revisão dos sítios arqueológicos com mais de seis mil anos BP no Paraná: discussões geoarqueológicas. **Fumdamentos, FUMDHAM**, São Raimundo Nonato, n.7, 2008.

PROUS, A. **Arqueologia Brasileira**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1992.

SCHMITZ, P. I. **Caçadores Coletores da Pré-história do Brasil**. Instituto Anchieta de Pesquisas, Unisinos, São Leopoldo, 1984.

SCHMITZ, P. I. **O mundo da caça, da pesca e da coleta**. Documentos 05. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisas, 2^a edição, 2006.

SOUZA, A. A. de. **Armas, pólvora e chumbo: a expansão luso-brasileira e os indígenas do planalto meridional na primeira metade do século XIX**. Tese (Doutorado em História) – CFH/UFSC, Florianópolis, 2012.

VICROSKI, F. J. N. **O Alto Jacuí na Pré-História: subsídios para uma arqueologia das fronteiras**. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2011.